

A DISCUSSÃO PARA EXPERIMENTAÇÃO DA PROPOSTA SOCIALISTA NAS ESCOLAS ITINERANTES DO MST DO PARANÁ (anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio)

Daiane Scarmocin¹ - UNICENTRO

daya_scar@hotmail.com

Dayane Santos Silva² - UNICENTRO

dayanemitsue@hotmail.com

Eixo 4: Organização do trabalho pedagógico nas escolas públicas na Educação Básica (projeto político pedagógico, gestão, currículo, avaliação, cultura, políticas de acesso e permanência)

Resumo: Não há neutralidade nas propostas curriculares existentes. Este trabalho tem como objetivo analisar os fundamentos que darão sustentação à proposta das escolas itinerantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, do Paraná (anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio). Será realizada a análise de duas obras de Moisey M. Pistrak, a saber: Escola Comuna e Fundamentos da Escola do Trabalho, para melhor compreensão da proposta dos complexos apresentada pelo autor. Foram coletados dados por meio de questionários com Luiz Carlos de Freitas (UNICAMP) e Roseli Caldart (Itterra), orientadores do processo de discussão para a experimentação da proposta dos complexos. Também foram analisados os registros da memória do processo. Iniciamos o presente estudo apresentando a análise das obras de Moisey Mikhaylovich Pistrak e a Proposta dos Complexos.

Palavras-Chave - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, Escolas Itinerantes, Proposta Socialista, Pistrak.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar os fundamentos que darão sustentação à proposta do MST voltada às escolas Itinerantes no estado do Paraná – anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A pesquisa foi feita por meio de análise bibliográfica para melhor compreendermos as bases de sustentação do processo de construção de uma proposta socialista de educação para as escolas itinerantes do MST, especialmente as obras de Pistrak.

Além disso, realizamos questionário com Luiz Carlos de Freitas e Roseli Salette Caldart, sujeitos responsáveis pelas orientações do processo de discussão para a experimentação da proposta dos complexos nas escolas itinerantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do estado do Paraná, e analisamos o registro da memória dos encontros realizados.

¹ Pedagoga pós graduada em Educação do Campo

² Pedagoga pós graduada em Educação do Campo

A presente pesquisa pretende responder às seguintes questões: quais são as possibilidades de implantação da Proposta socialista de Pistrak nas escolas itinerantes do MST? Como está sendo o processo de implementação da proposta dos Complexos de Pistrak? Qual a importância para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) de se ter escolas do Movimento inseridas em um propósito educacional diferenciado?

ANÁLISE DAS OBRAS DE MOISEY M. PISTRAK: “Fundamentos da Escola do Trabalho” e “A Escola-Comuna”

Sustentado em uma visão socialista, Pistrak tinha como meta a criação de uma nova instituição escolar, a qual não transmitisse implicitamente por meio do currículo a visão capitalista, mas que tivesse a finalidade de inserir educação e trabalho em um mesmo contexto.

Para melhor compreender as especificidades do MST em relação à proposta socialista, é necessário o estudo mais aprofundado acerca de duas obras de Pistrak: Fundamentos da Escola do Trabalho e A Escola Comuna.

Pistrak, em Fundamentos da Escola do Trabalho, procura expor um resultado de anos de experiências trocadas entre educadores que dedicaram um grande período de tempo e de vivência para suscitar um projeto educativo revolucionário no seio da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). (PISTRAK, 2000) Relata o fruto de anos de experiências trocadas com educadores que dedicaram esforços para empreender um projeto educativo revolucionário na URSS, informando que “[...] trata-se do resultado do trabalho prático do autor na comunidade escolar subordinada ao Narkompross (Comissariado da Instrução Pública) também chamada Escola Lepchinsky”. (PISTRAK, 2000, p.17). Partindo dessa premissa, o educador soviético formula questões práticas encontradas na realidade, na qual ele mesmo está inserido e busca respostas também práticas para tentar solucionar alguns dos problemas escolares que a União Soviética enfrentava naquele momento decisivo para a consolidação de sua revolução.

Para Bezerra (1999), Pistrak defende o trabalho como categoria principal para a reflexão teórico-prática pedagógica e para a expressão prática da escola, vinculada à vida do sujeito. Para ele, o projeto de educação socialista deve se embasar no coletivo e para que somente assim, faça parte do movimento mais amplo de transformação da sociedade. Pistrak

aborda em seus estudos dois princípios, os quais devem nortear as bases de trabalho na escola. São eles: Relações com a realidade atual; Auto-organização dos educandos.

[...] A realidade atual é tudo o que, na vida social na nossa época, está destinado a viver e a se desenvolver, tudo o que se agrupa em torno da revolução social vitoriosa e que serve à organização da vida nova. A realidade atual que é também a fortaleza capitalista assediada pela revolução mundial. Em resumo, a realidade atual é o imperialismo em sua última fase e o poder soviético considerado enquanto ruptura de frente imperialista, enquanto brecha na fortaleza do capitalismo mundial (definição de Schulguine). [...] Mas não basta estudar a realidade atual; o leitor dirá que toda e qualquer escola faz isto: a escola deve educar as crianças de acordo com as concepções, o espírito da realidade atual; esta deve invadir a escola, mas invadi-la de forma organizada; a escola deve viver no seio da realidade atual, adaptando-se a ela e reorganizando-a ativamente [...]. (PISTRAK, 2000. p. 32-33)

Pistrak propõe uma auto-reflexão acerca da prática pedagógica dos educadores, bem como para um olhar diferenciado acerca dos espaços educativos, ressaltando assim a necessidade de uma prática mais humana e mais social para com a educação do e para o povo. A partir desta teoria de cunho socialista-marxista propõe uma educação diferenciada a partir da realidade do sujeito, enquanto ser social. (TRAGTEMBERG, 2003)

Outra obra importante de Pistrak é “A escola comuna”:

A Escola-Comuna foi lançada em 20 de novembro na Escola Nacional “Florestan Fernandes”, com palestra de Luiz Carlos de Freitas durante encontro de formadores da Via Campesina, o documento histórico inédito sobre a construção da Escola Única no período mais fértil da revolução soviética faz avançar o debate sobre a educação brasileira. (LEUDMANN, 2009)

A Escola Comuna é um importante documento histórico, que trata da revolução Russa de 1917, e do grande esforço de seus pioneiros ao recriarem um sistema educacional pautado no socialismo e na coletividade, bem como o verdadeiro papel da escola ao oferecer aos seus educandos uma educação voltada aos interesses e objetivos da classe trabalhadora, reorganizando assim uma atuação voltada para formar sujeitos capazes de transformar e construir uma nova sociedade. (PISTRAK, 2009)

Krupskaya, autora do prefácio da edição Russa de A Escola-Comuna, membro do Comissariado Nacional da Educação da União Soviética, explica essa obra científico-pedagógica, a qual descreve passo a passo a vida da primeira Escola-Comuna experimental do Comissariado Nacional da Educação, e reflete o enorme trabalho feito dispensado a esta construção. Pistrak narra como a escola comuna cresceu internamente e se desenvolveu.

A Escola-Comuna apareceu em outono de 1918 na pequena aldeia de Litvinovich, evidentemente pouco parecida com a Escola-Comuna experimental do

Comissariado Nacional da Educação, na qual ela se transformou no outono de 1923 e cuja a aparência não esteve ante os olhos dos primeiros organizadores.(...) O método de trabalho dela é muito valioso e é extremamente necessário até que amplas massas de professores familiarizem-se com ele. (PISTRAK, 2009.p, 107-108)

A Escola-Comuna propõe uma nova escola, a qual se opõe ao capitalismo. O livro está organizado em duas partes: a primeira diz respeito a uma escola formada para o trabalho, escrito por Pistrak, a segunda parte fala sobre os relatos dos educadores sobre o trabalho com as disciplinas de Matemática, Ciências Naturais, História e Ciências Sociais, Ciências Econômicas, Literatura e Artes Plásticas. Esta forma de educar desconsidera toda e qualquer dissociação entre educando e educador, como uma forma de crescimento coletivo. (TRAGTEMBERG, 2003). Por isso a dedicatória dos autores aos educandos da escola experimental de Moscou:

Participantes invisíveis, indiretos, mas longe de serem os últimos na criação desta coletânea, devem-se considerar, com pleno direito, nossos camaradas mais novos – nossos mopshks – os estudantes da comuna escolar (Mopshks – Assim chamavam a si mesmos os estudantes da Escola Experimental Demonstrativa de Moscou do Comissariado Nacional de Educação. O termo foi apenas transliterado. É uma abreviatura com letras M de” Moscou “, O de “Experimental” – em russo-, P de “Demonstrativa”, e SH de “Escola (N.T.). (PISTRAK, 2009. p, 112)

Pistrak busca apresentar a construção da nova escola socialista sob os dilemas históricos e lutas de posições políticas acerca da educação. Uma experiência educacional aplicada em 100 escolas experimentais que participaram a construção de uma pedagogia para a escola única do trabalho, sob a direção de Lunatcharsky e Krupskaya, pela formação científica, cultural e política ampla e pela criação da autodireção. (PISTRAK, 2009)

Foi por defender a revolução, que os pedagogos Pistrak e Pinkevich foram fuzilados no ano de 1937, pelo poder estalinista, no mesmo período em que a reforma no sistema educacional retomou as aulas, considerando a escola como centro da formação técnica, com o objetivo de industrialização soviética na tese do socialismo em um só país. (PISTRAK,2009)

É notório o trabalho de pesquisa, de debate, e de militância que Pistrak oferece, em prol da formulação de tórias pedagógicas, as quais vêm contribuir para a construção de uma escola para a classe trabalhadora.

Entendidas as obras, apresentaremos a seguir o processo de discussão sobre a adoção dos complexos de estudo para as escolas itinerantes do MST do Paraná.

Proposta dos Complexos

A escola nasceu para suprir uma necessidade da classe dominante, dessa forma ela é uma instituição que tem como função hegemonizar a classe oprimida, colocando os que dela fazem parte na condição de proletariados como força de trabalho e consumidores, submetidos à sistemática capitalista. Esta forma de educação serve para ensinar as regras do capitalismo, facilitando o processo de acumulação de capital da classe opressora. Este processo se dá pela negação do conhecimento sistematizado à classe oprimida, e também pela repetida ação de subordinação que existe dentro da escola.

Para o MST, a escola deve assumir um projeto de formação dos educandos, sujeitos inseridos no processo de transformação. Para isso é necessária a acumulação da experiência adquirida pela classe trabalhadora, juntamente com a amplitude de horizontes, a qual servirá como orientação para as lutas de classe, que com essa educação tem os seus objetivos voltados para o trabalho coletivo.

Segundo Freitas (2010), a escola está associada à vida, assim como a vida está associada ao trabalho do indivíduo. Dessa forma, existe a necessidade de se pensar uma forma de educação específica para cada sujeito em seu contexto. Se considerarmos a vida da cidade e a vida do campo, vemos que existem diferenças, portanto, as relações sociais que existem no campo não são as mesmas que existem na cidade, e se cada sujeito inserido neste contexto tem uma identidade própria, a educação para cada um deles deve por obrigatoriedade respeitar estas identidades, atendendo desta forma cada especificidade de acordo com cada sujeito. Para Freitas:

O conteúdo da escola é preliminarmente o conteúdo da vida, do meio natural e social, sistematizado na forma de conceitos, categorias e procedimentos pelas ciências. No entanto, tal conteúdo não está desprovido de lutas e contradições. Se o conteúdo expresso nas bases das ciências é o conteúdo da vida em um outro nível de elaboração, seu domínio pela juventude não pode se dar fora da vida, fora do meio sem considerar suas contradições. E a vida não é a mesma em todo lugar. Não há como usar uma metodologia para padronizar e “empacotar” as contradições, as lutas e levá-las para “dentro da escola” com o objetivo de conscientizar o aluno fora da vida. Há uma pedagogia do meio (Shulgin, 1924) que é intransferível intimamente ligada aos processos contraditórios em curso, em cada local de formação. (FREITAS 2010, p. 04)

Para Pistrak: “é fundamental abrir as portas da escola para a vida” (FREITAS, 2010, p. 05). Esta afirmação faz com que haja uma reflexão acerca do trabalho produtivo realizado pelo sujeito, seja do campo ou da cidade. Pois, se todo o trabalho é feito a partir da vida e da educação, o que pode ser dito do trabalho que torna o sujeito alheio às relações que permeiam a sociedade, colocando-o na condição de trabalhador alienado? Qualquer trabalho por menor

que seja não havendo reflexão e crítica é um trabalho para o capital. O MST tem por objetivos tornar seus sujeitos trabalhadores que exerçam uma atividade humana, a qual os tornará sujeitos críticos e conscientes em relação as suas condições classistas, com o intuito de torná-los capazes de transformar a sociedade em que vivem. Para isso, é fundamental que a escola esteja ligada à vida de seu educando, desde a vida social – o seu lazer, até a vida produtiva – o seu trabalho e sua organização diária.

Ao saber da importância de uma relação entre a vida, o trabalho e a educação surgem a questão de como iniciar este processo de relação entre esses itens e de como dar início a uma pedagogia que contemple as relações sociais e de trabalho, sem que haja apenas um método de ensino, e sim uma orientação de educação que contemple a realidade, com vistas a promover um processo de formação crítica e coletiva no seio da escola, propiciando assim espaços educativos aos educandos, para que os mesmos se tornem capazes de construir seus próprios caminhos dentro e fora da escola. Pistrak constrói a sua teoria acerca das experiências da escola de seu período, a escola soviética, e uma de suas maiores preocupações era em relação ao aprofundamento da teoria e compreensão da realidade em que o sujeito está inserido, por meio do materialismo histórico-dialético. (PISTRAK, 2000)

Pistrak afirma que:

Em reuniões que tive nos últimos anos com muitos companheiros em congressos, conferências, cursos, debates, etc. Sempre observei um mesmo fenômeno: o professor [...] procura avidamente respostas detalhadas a uma porção de questões práticas, metodológicas, didáticas e outras: “Como agir neste caso?”, “Como aplicar esta ou aquela parte do programa?”, “Como organizar na escola este ou aquele trabalho?”, etc. estudando centenas de perguntas feitas por escrito aos relatores em diferentes lugares, percebe-se facilmente que a massa dos professores se apaixona principalmente por questões práticas; mas a teoria deixa os professores indiferentes, frios, para não falar de estado de espírito ainda menos receptivos. (2000 p. 21)

Dessa forma, entende-se que o educador deve estar preparado para educar o povo, tendo por objetivo a ruptura com as velhas formas da sociedade capitalista. Para Pistrak, a educação deve estar voltada às necessidades dos educandos, a fim de compreender e transformar a realidade do sujeito.

Já se sabe que vida, trabalho e educação devem ser indissociáveis na formação crítica do sujeito, porém surge uma questão: como construir esta “dialética socialista”? (PISTRAK, 2009)

A resposta a esta questão pode estar junto a um grupo de pessoas que, engajados com a luta para a transformação da sociedade por meio da educação, debruçou-se na possibilidade

de discussões em torno do estudo dos complexos de Pistrak, com o intuito de contribuir na construção de um currículo para as escolas itinerantes do MST, o qual venha a contemplar não apenas os conteúdos a serem trabalhados nas escolas, mas, também a realidade dos sujeitos que fazem parte do Movimento.

No ano de 2009 começou um movimento de articulação entre o Setor de Educação o MST-PR, algumas Universidades, e os educadores das escolas, com o intuito de reestruturar a proposta curricular para o MST do Paraná. (FREITAS, 2010)

Dessa articulação custeada pelo governo do estado do Paraná, por meio da Secretaria de Estado da Educação (SEED), no ano de 2009, formularam-se cinco cadernos do MST, dos quais os números 1,2,3 e 5 são caracterizados pelas experiências do Movimento. O caderno de número 4 contempla a proposta curricular que permeia o Movimento, pode-se dizer dessa forma que o caderno 4 é o norteador para os educadores dos anos de Ensino Fundamental e Educação Infantil. No ano de 2010, já com a experiência do ano anterior, deu-se o encaminhamento para um caderno que contemplasse os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. (MST, 2010)

Assim já no início havia um grupo de educadores com o trabalho de construir tabelas de conteúdos referentes a cada ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio. As decisões tomadas neste encontro de 2010, serviram como base para o início da elaboração de um currículo para as escolas do MST. No início do trabalho foi feito um estudo sobre os complexos elaborados por Pistrak, com o auxílio de Luiz Carlos de Freitas. Foram feitos inventários acerca da realidade do entorno das escolas, que estariam envolvidas no processo. A partir deste memorial foram levantados alguns pontos considerados necessários ao processo:

1º A realidade da família do educando - abordagens que fazem parte do cotidiano do acampamento. (separação de lixo, a maioria é agricultor, valores, músicas, etc);

2º A origem da família - de onde vêm as famílias e quais as suas descendências. (a maioria vem do Paraguai, tem descendência italiana, negros, índios, etc);

3º A cultura local e os Costumes - cultura local camponesa, ligadas a religião. (costumam-se reunir para rodas de conversa e chimarrão, os mais jovens dão catequese e participam de grupos de teatro, etc);

4º Quem são os educandos - dependentes das famílias e todos se conhecem. (em sua grande maioria sem concluir o Ensino Fundamental 2º ciclo, idade que varia entre 12

e 15 anos);

5º Referências – estão sendo utilizados como referência, para o estudo dos complexos os Anos Finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio, EJA e CEEBJA. Ou seja, os estudos acerca dos complexos voltam-se para alunos nesses níveis de ensino;

6º pautas e lutas existentes – A terra, a educação, a saúde, a moradia, encontros de formações e fornadas ecológicas;

7º Influências externas e relação com a sociedade - A televisão, os professores que vem da cidade, a vida urbana, relação com a universidade, etc;

8º As formas organizativas - feitas por meio de reuniões de grupos de bases, momentos de formação, de confraternização, jornadas e lutas, etc;

9º trabalhos que podem ser articulados ao complexo de estudo - criação de animais e horta coletiva, cultivo de plantas medicinais, etc;

10º Auto organização - participação coletiva do grupo de educandos, a escola é uma organização coletiva grupal em que tem conselho de classe coletivo, grêmios estudantis coletivos, etc;

11º Contradição e problemas - falta de organização do MST em relação às mobilizações da comunidade, influências partidárias, política, violência, má administração em cooperativas, etc. (MST, 2010)

Segundo Freitas:

Como a vida não é a mesma em todo o lugar, os inventários precisam ser reelaborados por cada escola, inserindo a vida local nos complexos gerais. Tal produção, refeita com professores e alunos quando ao nível da escola, é um processo acumulativo e que deve ficar arquivado no interior desta, como fonte para todas as disciplinas e trabalhos. Neste sentido, não necessita ser reproduzida inteiramente a cada ano, devendo apenas ser periodicamente atualizada. Cada escola se converte, assim, em uma pequena instituição que pesquisa e produz conhecimento de caráter etnográfico sobre o seu entorno, sua realidade atual, aproximando-se portanto de sua materialidade, da vida, da prática social. (FREITAS, 2010, p.13)

Em seguida houve a necessidade de se fazer um levantamento em relação aos conteúdos e às estruturas físicas e humanas que permeiam as escolas itinerantes do MST. Conclui-se que a referência utilizada nessas escolas ainda é composta pela Diretriz Curricular do Estado do Paraná, por livros didáticos diversos e pelos PCN'S. Em relação à metodologia utilizada, esta é trabalhada por disciplina e não por área de conhecimento. Os conteúdos são feitos tendo como base o ano anterior, ou seja, é feita apenas uma reformulação do conteúdo e cada professor faz o seu planejamento individualmente, este conteúdo é posto em um plano de

ensino, o qual é entregue na escola para arquivamento. (MST, 2010)

As estruturas físicas e humanas que compõem as escolas itinerantes do Paraná, são bastante precárias, com a ajuda insuficiente do governo do estado, as escolas geralmente possuem apenas sala de aula, uma biblioteca, refeitório que fica na própria cozinha, e deve-se levar em consideração neste estudo que as estruturas das escolas são feitas com o esforço e união da própria comunidade. A maior dificuldade que as escolas itinerantes enfrentam atualmente são as condições humanas de ensino e aprendizagem, pois grande parte dos professores, não é dos acampamentos, e está na condição de professores de escolas itinerantes devido o processo seletivo simplificado oferecido pelo estado aos cargos de docência. Apenas 23 dos educadores são do próprio acampamento, e conseguem desenvolver um trabalho mais crítico e coletivo de fato. (MST, 2010)

As escolas itinerantes do MST seguem o currículo proposto pela escola base o Colégio estadual Iraci Salete Strozak, o qual trabalha a educação por meio de ciclo de formação humana. Estes ciclos mantêm o MST em um constante reagrupamento, e tem por objetivo centrar a reflexão acerca do sistema de ensino que rege hoje as escolas, além de fazer o próprio educador repensar as suas ações em sala de aula, promovendo assim o crescimento do educando enquanto sujeito inserido num contexto maior de sociedade.

QUADRO 1 - ORGANIZAÇÃO DOS CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA

Ciclos de formação humana	Ciclos da Ed. Básica	Idade	Anos
Infância	Ciclo Único- Ed. Infantil	4 anos 5 anos	Educação Infantil
	I Ciclo do Ensino Fundamental	6 anos 7 anos 8 anos	1º Ano 2º Ano 3º Ano
	Classe Intermediária		
Pré- Adolescência	II Ciclo do Ensino Fundamental	9 anos 10 anos 11 anos	4º Ano 5º Ano 6º Ano
	Classe Intermediária		
Adolescência	III Ciclo do Ensino Fundamental	12 anos 13 anos 14 anos	7º Ano 8º Ano 9º Ano
	Classe Intermediária		
Juventude	Ciclo Único Ensino Médio	15 anos 16 anos 17 anos	1º Ano 2º Ano 3º Ano

Fonte: MST, 2011. b

Os ciclos de formação humana desenvolvidos pelas escolas itinerantes do MST do Paraná são quatro e cada um tem 3 anos de duração. Dessa forma a vida escolar do educando aumenta, assim como metas e objetivos acerca desta educação, são estabelecidos a partir de uma perspectiva mais crítica, entendendo que o tempo-escola disposto desta maneira apenas venha a somar ao educando em relação a sua aprendizagem e seu desenvolvimento. (MST,

2011 b)

Após o intenso estudo e debate de estudos sobre o processo de formação dos educandos do Movimento, foram tomadas decisões fundamentais para o processo:

1º Dedicar os estudos da experimentação dos complexos às escolas itinerantes do estado do Paraná.

2º Na primeira fase envolver a escola base Iraci Salete e mais 5 escolas itinerantes, as quais são: Zumbi dos Palmares e Caminhos do Saber vinculadas a escola base Iraci Salete, Valmir Motta, Construtores do Futuro e Carlos Marighela vinculadas a escola base Centrão.

3º Os complexos a serem utilizados no processo de educação do MST serão construídos por ciclo etário e por ano.

4º O trabalho de experimentação será iniciado seguindo o proposto por Luiz Carlos de Freitas, o qual se dará da seguinte maneira: 1ª fase - será elaborado um sistema, que é uma rede de coordenadores e escolas, os quais irão realizar o estudo na prática do dia a dia. 2ª fase - esta contemplará a formação dos professores envolvidos no processo para a realização e contemplação do estudo proposto.

5º O primeiro encontro realizado deu início ao processo de construção dos complexos a serem utilizados nas escolas do MST.

6º Este encontro definiu tarefas aos envolvidos, no intuito de que tragam consigo as bases do processo de construção, as quais se resumem em:

- a) Inventário de 6 escolas itinerantes envolvidas;
- b) Debruçar-se sob o conjunto de inventários, buscando o que há de comum nas escolas envolvidas;
- c) Formulação dos objetivos formativos;
- d) Levantamento de temáticas possíveis de serem construídas como complexos;
- f) Elaboração do texto base de concepção de educação e matriz formativa;
- g) Proposta para o registro do processo;
- h) Convocação geral para todos os grupos envolvidos. (MST, 2010)

Os complexos elaborados por Pistrak são uma forma de superar os conteúdos propostos pelas escolas clássicas, com vistas para conteúdos essenciais na formação do indivíduo, uma forma de organização que valorize a educação por meio do trabalho, que

garanta a interdisciplinaridade por meio de uma prática concreta. (FREITAS, 2010)

O estudo proposto por Pistrak parte de um processo pedagógico mais amplo, o qual contempla no centro de seu estudo três categorias fundamentais para um processo de transformação: 1º - uma concepção de educação; 2º - uma matriz formativa; 3º - objetivos que contemplem o trabalho formativo e o trabalho instrutivo.

QUADRO 2 – ESTRUTURA DO PLANO DE ENSINO

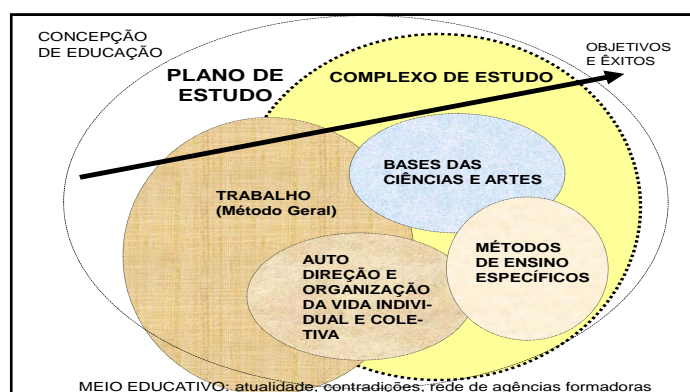


Figura 1: categorias componentes da noção de complexo de estudo. Fonte: FREITAS (2010, p.10)

O complexo de estudos proposto por Pistrak vem tratar de uma concepção de educação engajada com a construção de uma nova sociedade, capaz de criar novas relações sociais que produzam uma relação não capitalista, por meio de uma formação mais ampla que englobe não apenas o cognitivo, mas também e principalmente a realidade do sujeito. (FREITAS, 2010)

A partir dos estudos feitos em Freitas (2010), compreendemos que o complexo é o fator de ligação entre: o trabalho, as bases das ciências e das artes, os métodos de ensino específicos, e a auto-direção e organização da vida individual e coletiva. O complexo de estudos tem por objetivo criar um nível de abrangência por parte dos sujeitos educandos, o qual perpassa todas as categorias ditas necessárias para a formação do indivíduo.

[...] Trata-se de organizar o ensino através de temas socialmente significativos, e através deles estudar a dinâmica e as relações existentes entre aspectos diferentes de uma mesma realidade, educando assim os estudantes para uma interpretação dialética da realidade atual. E à medida que se consegue estabelecer vínculos entre as várias dimensões da vida escolar, podemos ter estudos desdobrados em ações, e ações produzindo necessidades de estudo. (PISTRAK *apud* CALDART 2000, p. 14).

As categorias anteriormente tratadas no quadro vêm propor um complexo do meio educativo, com a finalidade de sugestão e articulação com a educação para que posteriormente sejam definidos os conceitos que permearão os complexos e conteúdos a

serem estudados nas escolas.

Para Pistrak, os complexos não são um método de ensino, mas sim uma organização de conteúdos, “[...] seria mais exato falar de método experimental ou de organização de programa de ensino segundo os complexos”. (PISTRAK 2000, p. 131). O sistema de complexos de Pistrak oferece a oportunidade de o educador utilizar vários métodos de ensino no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, visando sempre a perspectiva dialética para a maior compreensão do estudo. Sendo assim, o trabalho escolar deve ser pensado em complexos temáticos, Pistrak afirma:

(...) o objetivo do esquema de programa oficial é ajudar o aluno a compreender a realidade atual de um ponto de vista marxista, isto é, estuda - lá do ponto de vista dinâmico e não estático. Estuda-se a realidade atual pelo conhecimento dos fenômenos e dos objetivos em suas relações recíprocas, estudando-se cada objeto e cada fenômeno em outros, ou seja, o estudo da realidade atual deve utilizar o método dialético. Apenas um conhecimento da realidade atual deste tipo é um conhecimento marxista.(PISTRAK, 2000,p. 134)

Entendemos aqui que a realidade vivida pelo MST, não se difere muito da vivida por Pistrak, pois ambos tiveram a experiência de sobreviver lutando pela igualdade de classe. Dessa forma, existe a necessidade da organização dos conteúdos da escola de acordo com a vida de cada educando. Para isso Pistrak apresenta algumas questões para a efetivação dos complexos:

A) A seleção de temas complexos:

Pistrak ressalta que a seleção dos temas não deve ser feita pela visão de uma ou outra disciplina, mas por um fenômeno de “grande importância e de alto valor, enquanto meio de desenvolvimento da compreensão das crianças sobre a realidade atual”.(2000, p. 135). Ou seja, a seleção de temas do complexo exige um trabalho coletivo entre educadores e educandos. Pois, ao selecionar temas aleatórios à realidade do sujeito, o mesmo tende a criar concepções aleatórias a seu contexto real.

Pistrak em seu estudo sugere que um único tema pode ser desintegrado em vários temas diferentes, uns de grande valor, outros nem tanto, porém em um quadro geral, se justificam entre si. Primeiramente é necessário se pensar qual é o tipo de problema que o educando enfrenta dentro e fora da sala de aula. Após, selecionar temas que façam parte da realidade do educando, e por fim escolher os conteúdos levando sempre em consideração todo

o processo. Para isso, Pistrak aponta duas questões, as quais devem ser levadas em consideração:

Em primeiro lugar, é preciso conservar uma relação entre os temas de complexos sucessivos. [...] o estudo dos complexos na escola apenas se justifica na medida em que eles representam uma série de elos numa única corrente, conduzindo à compreensão da realidade atual. Os temas devem encadear-se, observar uma continuidade entre si, numa ordem determinada, possibilitando assim uma aplicação gradual do horizonte do aluno, suscitando nas crianças uma concepção clara e nítida de nossa vida e de nossa luta, e proporcionando uma educação de tendência determinada. Só podemos atingir os objetivos atribuídos à escola concentrando as disciplinas através deste método dialético e gradual. (PISTRAK 2000, 137)

B) Como estudar cada tema:

Segundo Pistrak, o complexo pode ser trabalhado de duas maneiras, a primeira como um “assunto preciso”(PISTRAK 2000, p. 137), ou como um “assunto principal (PISTRAK 2000, p. 137), o qual foi encadeado por uma série de outros processos ligados à realidade do sujeito. A organização dos complexos exige do educador uma reflexão maior acerca da dialética da produção do conhecimento, o qual deve ser obrigatoriamente considerado uma construção social e coletiva.

Estes conteúdos segundo Pistrak, dever ser trabalhados com os educandos, de forma a construir uma autonomia tanto teórica, quanto prática, possibilitando assim ao sujeito uma formação para a vida e para o trabalho. Dessa forma, existe a necessidade de se pensar nos temas, nas suas relevâncias sociais e na relação com a realidade do educando, pois mesmo que haja uma organização excelente do trabalho elaborado pelo educador, se o tema não condizer com a realidade do educando, o mesmo não terá relevância social, e por isso não é considerado complexo.

C) A organização do ensino segundo o complexo:

Para Pistrak, a organização do ensino se dá pela interdisciplinaridade, ou seja, ao trabalharmos um tema de ciências, este por sua vez não pode limitar-se apenas à área das ciências, mas deve por obrigatoriedade perpassar as diversas áreas do conhecimento. O complexo é considerado uma forma de trabalho pedagógico diferenciado do convencional, desse modo, exige-se do educador um esforço maior “[...] só a experiência nos ensinará a arte de lidar com o método do complexo. Quanto mais tivermos experiência, mais facilmente captaremos as relações existentes entre uma determinada disciplina e o complexo”. (PISTRAK, 2000, p. 148)

Sendo assim, existe a necessidade de explicar aos educandos o que se deseja construir coletivamente, após iniciar a construção do conhecimento desprendido de qualquer disciplina, considerando o tema geral do complexo. Ao final do trabalho com os educandos, os mesmos devem captar os objetivos naturalmente.

D) A organização do trabalho das crianças no sistema do complexo:

A organização das disciplinas e do trabalho pedagógico, segundo Pistrak, só tem valor e sentido se organizado por educador e educando, de nada adianta apenas uma parte do processo ter a consciência do que são os complexos, pois o mesmo é formulado a partir do coletivo educacional. É necessário ressaltar que os complexos não são uma técnica pedagógica, mas sim uma organização do trabalho pedagógico, a qual deve contemplar a realidade do sujeito inserido no processo por meio do método dialético.

Ou seja, o estudo dos complexos propostos por Pistrak busca fazer um inventário da realidade do sujeito, trabalhando de forma a cruzar os conteúdos abordados na escola com a realidade social do educando, propiciando assim ao educando uma nova maneira de aprender levando em consideração a sua realidade. Para o MST, o estudo dos complexos é uma alternativa educacional válida, e por esse motivo existem discussões acerca da aplicação deste estudo nas escolas itinerantes do estado do Paraná.

Uma proposta socialista de educação somente poderá ser desenvolvida como parte de um processo de revolução socialista. O que fazemos, ainda sob as condições objetivas da sociedade capitalista (ainda que em crise), e desde referências e objetivos políticos e formativos mais amplos, é identificar as contradições da realidade onde atuamos e buscar trabalhá-las na perspectiva de transformações possíveis agora, mas na direção de nosso projeto de futuro. Conjunturas políticas partidárias podem acelerar ou retardar possibilidades de leitura destas contradições ou de ações organizadas sobre elas, mas não são capazes de eliminar as contradições e, portanto, não impedem as lutas que as expressam. As Escolas Itinerantes, pela sua materialidade específica, pelas circunstâncias em que se organizam e realizam sua prática educativa, são escolas em estado de luta permanente, em qualquer conjuntura. (CALDART – QUESTIONÁRIO, 2010)

Perceber que o MST tem singularidades próprias, olhar as escolas itinerantes como um lugar de educandos Sem Terra, em que os mesmos mais do que frequentar a escola e estudar conteúdos, encontrem-se a si próprios, é valorizar uma identidade cultural que existe no Movimento, a qual depende exclusivamente de uma sociedade que tem como tarefa o cuidado com a formação humana, que carrega no interior de seu debate o projeto de um país

capaz de transformar o contexto social em que se encontra.

Considerações Finais

Ao terminarmos essa pesquisa o processo de discussão da proposta dos Complexos de Estudo não está ainda concluído. Entender os Complexos Temáticos, como uma organização de conteúdos escolares, tendo como base o materialismo histórico-dialético, é uma condição real de desenvolvimento de atividades que ofereçam a emancipação do sujeito.

A escola proposta por Pistrak, vê no trabalho um meio de formação, tendo por objetivo formar um novo sujeito, capaz de transformar o meio em que está inserido por meio de seu trabalho. Compreende-se que no período em que Pistrak pensou esta escola, as mobilizações eram outras, porém as lutas sempre existiram. O MST é prova da grande luta estabelecida, por melhores condições humanas de trabalho e de direitos.

Reconhece-se a dificuldade de trabalhar com os professores, até mesmo por que implicará em um pensamento revolucionário, o qual quebre paradigmas impostos hoje nas escolas. Os questionamentos acerca da realidade e as relações sociais que se estabelecem por meio da prática devem substituir técnicas e pensamentos antigos que permeiam o ensino em sala de aula, isso requer disposição e muito trabalho coletivo.

Os complexos propostos por Pistrak têm esta característica de trabalhar com o coletivo das escolas, construindo assim uma produção coletiva que respeita as especificidades de cada local em que está inserida a escola. Isso faz do complexo algo significativo à comunidade, apontador de situações reais que envolvem trabalho e vida em comunidade, produzindo assim um conhecimento novo e relevante e tendo por princípio o respeito à cultura, à experiência e à identidade de classe de cada educando.

Os complexos exigem do educador a prática da investigação, com um olhar político acerca da emancipação das classes oprimidas. Sendo assim, os complexos estão voltados para o homem e seus processos de humanização por meio do trabalho e do conhecimento, construindo uma formação omnilateral do sujeito, o qual desenvolve processos de emancipação humana por meio da superação da alienação provinda do modo de produção capitalista. Um olhar acerca da concepção materialista histórico-dialética de como se constrói coletivamente o conhecimento, E por fim, a exigência da interdisciplinaridade, para agregar valor aos conhecimentos de todas as áreas, valorizando assim, o currículo escolar, a partir da realidade da comunidade e de cada sujeito que dela faz parte.

A metodologia utilizada para a aplicação dos complexos se dará por meio das necessidades de cada sujeito e a partir da delimitação do fenômeno real a ser analisado. Dessa forma, os complexos se caracterizam por meio do trabalho e das relações estabelecidas entre o sujeito, às percepções e compreensão da realidade em que está inserido e o objeto a ser analisado. A qual propiciará ao educando o exercício do pensar e do agir, é a teoria e a prática enquanto totalidade.

O objetivo geral dos complexos é, portanto, o fenômeno real, problematizado, partido das percepções da comunidade, pelo que ela entende acerca da realidade para a elaboração do pensamento concreto.

É preciso pensar em uma sociedade, em que o homem seja o parâmetro para a superação do sistema capitalista desumanizador, o qual só pensa no lucro e na competitividade.

Pensar em educação, é pensar em educar para o fim da divisão entre o ser humano e o trabalho, nesse sentido é resgatar as relações homem-trabalho, mas de forma consciente, integrada e emancipatória.

Aplicar na prática estes princípios, assim como o MST do Paraná juntamente com o grupo de pessoas envolvidas no processo estão fazendo, não é um exercício tão simples. Exige-se dos envolvidos ações que vão além das salas de aulas e dos gabinetes pedagógicos. A educação que tem como base o sistema de complexos de Pistrak exige um espaço maior ao da escola. Tem que sair às ruas e ir de encontro à realidade de cada sujeito, esta educação não é alheia ao mundo em seu entorno.

A proposta do sistema de complexos temáticos exige um educador com coragem e determinação política para um currículo pautado na realidade da comunidade escolar, o qual contribua realmente com a mudança no modo de viver e de se relacionar do sujeito no meio onde está inserido.

Referências

CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. 3 ed. Expressão Popular: 2004.

CNPQ. Luiz Carlos de Freitas. *Sistema Currículo Lattes 2011*. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4788656U8> Acesso em: 27/04/2011

FREITAS, Luiz Carlos de. *A Escola Única Do Trabalho: explorando os caminhos de sua*

construção. Campinas: UNICAMP, 2010. (Mimeo).

MST. Memória da Construção dos Complexos. 2010. Mimeografado

MST. Ciclos de Formação Humana na Escola. Colégio Estadual Iraci Salete Strozak e escolas Itinerantes. 2011.

PISTRAK, Moisey M. Fundamentos da Escola do Trabalho. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular: 2000.

_____A Escola Comuna. Tradução de Luiz Carlos de Freitas e Alexandra Marenich 1 ed. São Paulo: Expressão Popular: 2009.

TRAGTENBERG, Maurício. Textos Político-Pedagógicos - In Memorian. Pistrak: uma pedagogia socialista. Revista Espaço Acadêmico. Ano III. Nº 24. Maio de 2003. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/024/24mt1981.htm> Acesso em: 04/03/2011

Questionários:

1º - Luiz Carlos de Freitas, 2010.

2º - Roseli Salete Caldart, 2010.